



O ROMPIMENTO DO SILÊNCIO NA VIOLÊNCIA INFANTIL. ¹

Adriane Cristine Oss-Emer Soares², Cristiano dal Forno³, Dorian Mônica Arpini⁴, Lidiane Bertê⁵

A violência é um fenômeno que faz parte da história da infância e da adolescência e que já há algum tempo vem preocupando vários atores sociais, e não poderia ser diferente, tratando-se da complexidade que tal questão coloca. Entende-se que o rompimento do ciclo da violência implica na desconstrução da rede que se organizou ao redor da criança ou adolescente que é vítima. Portanto, o ponto inicial para enfrentar a violência na infância e adolescência passa por romper os pactos de silêncio. A confidência de uma situação de violência, frequentemente, é feita para alguém em quem a vítima confia na expectativa de que essa pessoa possa abrir um caminho para a saída desse sofrimento. Segundo Faleiros (2003), no desvelamento de uma situação de violência há que se distinguir: a revelação e a notificação. Segundo a autora, a revelação num primeiro momento é privada, ou seja, o que sofre a violência pode contar para alguém, em quem confia, sobre seu sofrimento, na expectativa de que essa confidência possa abrir um caminho para a saída desse sofrimento. Porém, pode não necessariamente ser assim, pois sabemos que muitas vezes a confidência da criança não implica na saída da situação de violência, tampouco na notificação da mesma. Existem diferentes formas de “escutar” a revelação, que se relacionam aos sentimentos mobilizados e ao temor de entrar em terrenos e instituições socialmente tão “sacralizadas”, a saber, a família e a justiça. Sabe-se que para romper com situações que se estruturam como violentas, a “crença” na efetividade das instituições precisa ser um elemento presente. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo investigar como as instituições, escolas e unidade de saúde, têm vivenciado as situações que envolvem violência. Como tem se dado à relação com essa problemática no interior dessas instituições e como as mesmas lidam com a revelação e a denúncia das situações de violência. Trata-se de uma pesquisa realizada junto a três instituições da cidade de Santa Maria/RS, quais sejam: duas escolas, uma de Educação Fundamental (Instituição I) e outra de Educação Infantil (Instituição II) e uma Unidade Básica de Saúde (Instituição III). A definição dessas instituições se deve ao fato de que, em geral, são nesses locais que as crianças vítimas de violência fazem a primeira revelação. Este trabalho de pesquisa utilizou as técnicas metodológicas de entrevista semi-estruturada e grupos focais, que respondem a um trabalho de caráter qualitativo e permitiram um maior aprofundamento da temática a ser investigada. As entrevistas semi-estruturadas realizaram-se com as direções e coordenações das instituições, ao tempo que os grupos, com acadêmicos, professores, estagiários e profissionais das mesmas. Foram realizadas quatro entrevistas individuais e seis grupos focais, totalizando 78 participantes na pesquisa. Os grupos e as entrevistas foram gravados e transcritos. As transcrições foram analisadas segundo o método de análise de conteúdo. Como resultado da pesquisa desenvolvida, destacou-se três categorias de análise: a revelação, os sentimentos mobilizados e as instituições envolvidas no processo da denúncia, em especial o Conselho Tutelar. Evidenciou-se que existem barreiras no processo de



notificação, uma vez que a confiança da criança não tem implicado na sua saída da situação de violência, tampouco na notificação. O processo da denúncia pressupõe uma “escuta”. Na pesquisa constatou-se que os fatos de violência intrafamiliar chegam, em primeira instância, ao conhecimento dos profissionais da saúde e da educação, sendo que, em muitos casos, esses terão que estar atentos a uma fala que se dá de forma velada. Segundo os entrevistados, é difícil para a família revelar “coisas de família”, trazer a tona conflitos que ferem a mesma, por isso, muitas vezes, fala-se “pelos beiradas”. Nesse sentido, a importância de quem “escuta”, que nem sempre vai ouvir um discurso claro e limpo. É, justamente, na necessidade de “decifrar” o que se quer dizer e ir mais a fundo, que se incentiva aquele que revela a seguir contando o que aconteceu. A esses profissionais caberá a decisão de comprometer-se com o que se revela efetuando a notificação do caso, desencadeando o processo de denúncia. Foi significativa a expressão do sentimento de medo, principalmente nos sujeitos que pertencem à comunidade pesquisada, pois a denúncia, em alguns casos, tem exposto o denunciante. Como revela a fala dos professores (Instituição I): “(...) tu te envolve e tá sujeito a levar um tiro, uma facada que tu não tem nada a ver. Então, às vezes, acabam ignorando a situação, porque a gente também tem medo.” A proximidade com relação às situações de violência e seus autores associados à exposição dos denunciante é um forte indicativo de que muitas violências acabam ficando silenciadas, como expressa um dos entrevistados (Coordenador/Instituição III): “Então têm coisas que tu não pode deixar passar, agora têm outras que, claro, que tu tem que fechar os olhos, porque ora, tu não tem como denunciar um traficante ali da esquina que ele vai saber, com certeza, que foi tu que denunciou.” Com base nessa, bem como em tantas outras falas, pode-se observar que o anonimato do denunciante, na maioria dos casos, não é garantido, sendo que, em muitas dessas situações, foi o próprio Conselho Tutelar quem expôs o denunciante ao denunciado, ou à própria comunidade. Nas palavras de um dos entrevistados, ao relatar um fato ocorrido: “do conselho tutelar ir lá na família e dizer que foi fulano de tal que fez a denúncia (...). Então, por isso que a gente tem receio”. (Agente comunitário de saúde/Instituição III). O que também tem dificultado o processo de notificação é que, além da exposição, muitos dos casos denunciados não têm sido solucionados como expressa um dos entrevistados (Instituição II): “Mas foi uma coisa que fico mau resolvida sabe (...) cabe a outros órgãos, que não resolvem muito, sabe, infelizmente a gente não tem, a gente não é muito amparado em relação a questão da violência.” Tal fato gera sentimentos de impotência e frustração nos profissionais que fizeram a denúncia, uma vez que continuam convivendo com as vítimas e os autores. A descrença no órgão evidencia-se por desabafos dos agentes comunitários (Instituição III): “O conselho vai lá dá uma conversada, mas fica a mesma coisa. O problema continua do mesmo jeito”, ou ainda: “então, primeiro assim, é a frustração, tu te expõe, enquanto profissional e enquanto pessoa e a resolutividade é baixa. Tu coloca em risco a tua vida, tu fica de mal com a tua comunidade, corre risco de violência contra você e dá medo, e tu tem medo, porque a gente está lidando com pessoas violentas.” Salienta-se, dessa forma, à falta de credibilidade no processo de responsabilização e proteção da criança e adolescente, uma vez que a maioria dos sujeitos da pesquisa não percebeu que nos casos notificados houvesse resolutividade. Para que as violências sejam notificadas e enfrentem um Sistema de Proteção resolutivo, destaca-se a importância de recuperar e fortalecer a credibilidade das instituições responsáveis pela proteção. Pretende-se, com isso, o



aumento das notificações e sua resolução, bem como a conscientização da população e dos profissionais no que diz respeito à denúncia. É importante, sem dúvida, atentarmos para a necessidade de uma sensibilização e de um envolvimento crescente dos diferentes atores na superação das situações que envolvem a violência na infância e na adolescência. Dessa forma, tanto direta quanto indiretamente, estaremos fortalecendo as possibilidades da denúncia e de sua resolutividade.

Referências

FALEIROS, E. (org) O abuso sexual contra crianças e adolescentes: os (des) caminhos da denúncia. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília, 2003.

¹ Trabalho de Pesquisa

² Psicóloga

³ Acadêmico Psicologia UFSM/ Bolsista FIPE

⁴ Professor Orientador da UFSM

⁵ Acadêmica de Psicologia UFSM / Bolsista FAPERGS